

# O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES  
E BELLAS LETRAS.

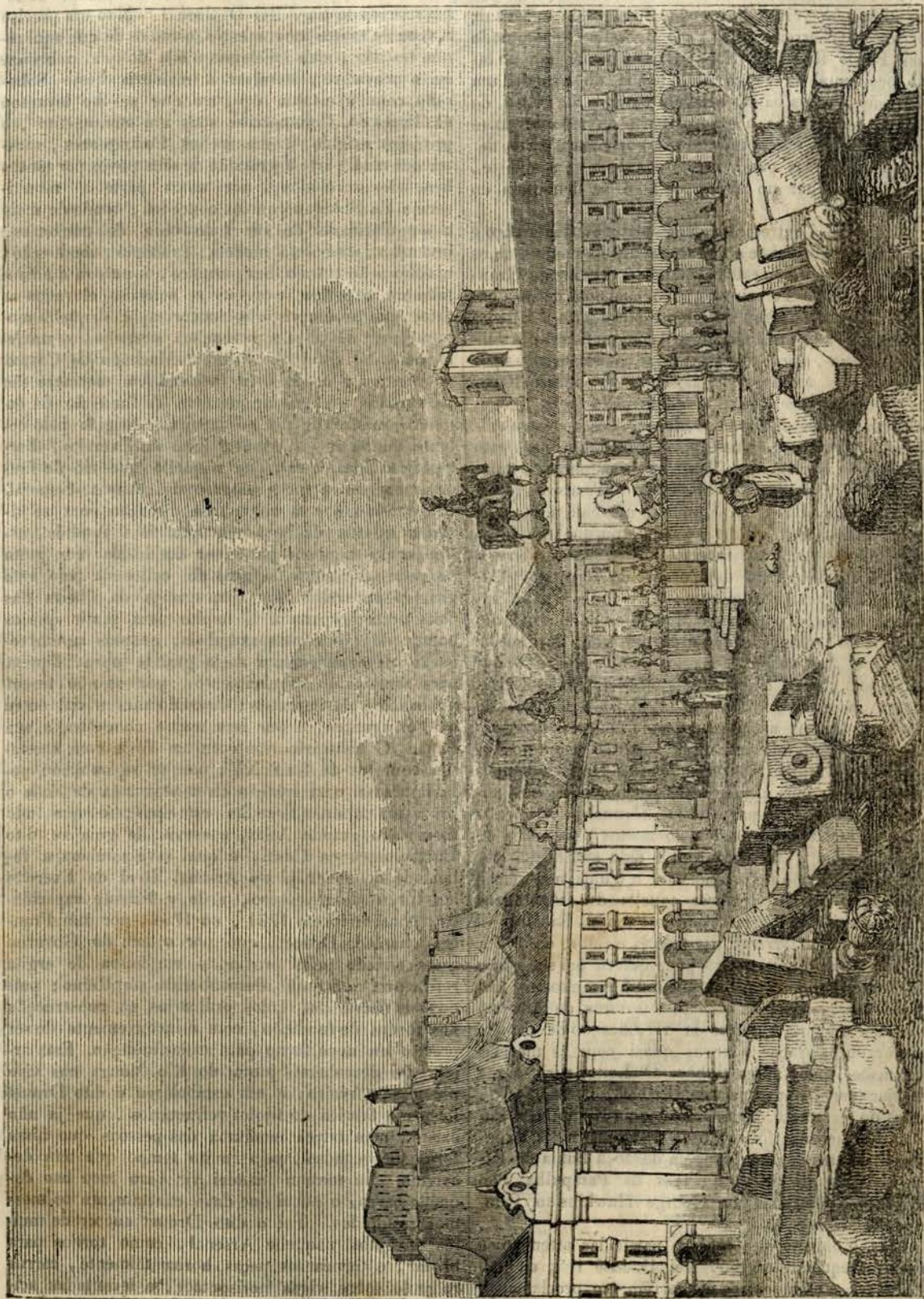
*Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade*

**DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.**

N.º 8

15 DE NOVEMBRO.

1838



PRACA DO COMMERCIO DE LISBOA.

## PRAÇA DO COMMERCIO

## DE LISBOA.

DE todas as Praças que ornão a Lisboa moderna, a do Commercio é por certo a mais notavel, assim por seu ambito e a regularidade dos edificios que a formão, como pela Estatua Equestre do Snr. D. José 1.º que, collocada no centro, singularmente a aformosêa.

E' sabido como Lisboa, depois do terremoto de 1755, resurgiu mais bella de suas ruinas; e na sua re-edificação veio a Praça do Commercio substituir o antigo Terreiro do Paço, assim denominado dos Paços Reaes da Ribeira, que, começando no lado occidental da Praça e da banda do mar em um Torreão, cujos baixos servião outrora de Casa da India, se extendia a occupar parte do lado do norte do Terreiro, communicando-se por cima d'arcos, debaixo dos quaes passava uma rua de leste a oeste, e indo terminar no largo que hoje se denomina do Corpo Santo.

Fronteiro á extremidade septentrional deste paço e no sitio em que existe a Casa, que até ha poucos annos foi da India e hoje se acha reunida á Alfandega Grande, achava-se o Terreiro Publico, com uma de suas entradas para o Terreiro do Paço e outra para a Ribeira Velha, ficando-lhe connexo o Açougue Geral e o Haver-do-pezo, com serventias para as mesmas praças. Desta sorte a nobreza do aspecto que podesse haver na frente do Paço Real era deturpado pela irregularidade e falta de correspondencia dos oppostos edificios. O lado do mar apresentava um parapeto guarnecido d'artilheria. Tanto os "magnificos e sumptuosos" Paços da Ribeira, como o Terreiro, fôrão obra do Snr. Rei Dom Manuel, que com muita despeza ganhou esta ultima ao mar, porque era praia todo este local; e ao mesmo Monarcha se deve a applicação dos baixos do aposento do Paço ás "Casas da Contratação de Guiné e da India." Não sabemos ao certo o anno em que estes edificios fôrão terminados; mas abrindo a chronica de D. Manuel por Goes, ao acaso, achamos que já em 1516 era habitado o Paço, e nelle, das mãos do Bispo de Lamego, recebem o Infante D. Affonso o Capello de Cardeal. De sua architectura nada podemos dizer senão que por alguns restos que ainda se veem no Arsenal da Marinha, parece que era a Gothica daquelles tempos; mas a julgarmos por uma gravura antiga que vimos, o paço de D. Manuel já não existia (na fachada do edificio ao menos) na época do terremoto em 1755, mas tinha sido substituido por uma construcção mais moderna, e d'uma apparencia que muito nos faz lembrar aquella dos Pavilhoens das Tuilleries de París. Todo o Paço da Ribeira foi submergido no terrivel dia 1 de Novembro de 1755.

A Praça d'hoje pouco pôde differir em superficie do Terreiro d'outrora, porque o 1.º Architecto, Eugenio dos Santos (da eschola das obras de Mafra) que deu a planta e riscos da reedificação da cidade, conservou as praças e largos quasi com as mesmas dimensões que d'antes tinham. O Leitor curioso que desejar ver a apparencia de Lisboa, vista do rio, antes do terremoto, pode consultar na Bibliotheca Publica Portuense a Collecção de Estampas n.º 20, onde achará tres, que abrangem desde a Bahía de Paço d'Arcos até as visinhanças da Pampulha. São Inglezas e dedicadas por George Hawkins ao Principe de Galles.

Mas o objecto que merece particular attenção é a estatua equestre do Snr. Rei D. José 1.º, da qual nacionaes e estrangeiros concorrem em proclamar o merecimento. Na falta de descripção mais elaborada

apresentaremos a nossos leitores um capitulo, que diz respeito a nosso assumpto, extrahido das "Recordações de *Jacome Ratton*" que, sendo contemporaneo do terremoto, offerece em seu livro muita cousa curiosa e illustrativa daquelles tempos.

"De todos os Monarchas Portuguezes que por seus grandes feitos tem merecido immortalisar-se na historia, nenhum será mais celebrado, quando esta, amortisadas as cegas paixões d'uns e extinctos os resentimentos d'outros, se escrever com parcialidade, e offerecer á posteridade o verdadeiro quadro do feliz reinado do Snr. Rei D. José 1.º Não era preciso á vista de tantos monumentos, como os de que aqui tenho tratado, mais indeleveis ainda do que o bronze ou o marmore, eternisar a memoria deste Soberano com a estatua equestre que se lhe levantou na Praça do Commercio; mas um monumento, o primeiro erigido a monarchas Portuguezes, mostra por uma parte a gratidão de seus povos por tantos beneficios recebidos, por outra parte a munificencia do Soberano que os concedeu; tendo de mais a singularidade de ser toda obra de nacionaes; invenção, desenho, modelo, fundição, conducção, e collocação, tudo lhes pertence, e mostra o adiantamento e perfeição a que se achavão elevadas as artes que se empregarão na forinação daquelle monumento. Deve-se a invenção, desenho, e modelo ao habil esculptor Joaquim Machado de Castro. As figuras e ornatos do Pedestal em marmore são na verdade um primor da arte. A fundição da estatua equestre de um só jacto foi dirigida pelo celebre fundidor do Arsenal Real do Exercito, Bartholomen da Costa, que naquelle exercicio de fundidor chegou a ter a patente de Tenente-General. Elle mesmo deu a engenhosa direcção para se tirar a estatua da cova em que fôra fundida, assim como tambem para ser conduzida até junto do pedestal, sobre o qual foi collocada pelo bem dirigido apparelho que a mestrança da ribeira das naus tinha preparado. E' muito para sentir que os nomes de tantas pessoas habeis, quantas se empregarão no complemento desta grande obra, fiquem para sempre no esquecimento, por se não terem publicado pela imprensa; descuido mui trivial entre os Portuguezes; e por isso morre com elles a sua fama. O contrario aconteceu em Paris com a estatua equestre de Luiz XV; porque se publicou pela imprensa uma relação circunstanciada de todo o processo, ajuntando-se-lhe estampas, o que tudo forma um grande Atlas, e serviu de guia ao dito Bartholomeu da Costa, o qual teve tambem a felicidade de achar já no Arsenal Real do Exercito um forno de reverbero, e de sufficiente capacidade, construido em 1761, ou 1762, por um Francez chamado Drouet, que por ordem do Governo tinha andado pelas provincias em busca de argila refractaria até então desconhecida no Reino; pois que se usava dos tijolos ordinarios na construcção dos fornos de fundição, com o inconveniente de ser preciso um novo forno para cada fundição. Esta argila foi descoberta junta do Rio Vouga nas visinhanças d'Aveiro; e alli estabeleceu o dito Drouet fornos e fabrica de tijolos refractarios, que já não existe, nem talvez nenhuma das pessoas que nisso forão empregadas, pelo muito tempo que tem decorrido. Eu mesmo mandei vir para meu uso daquelle barro, e achei que dava exactamente os mesmos resultados. Foi o dito Drouet auctor de muitos inventos naquelle Arsenal, como tornos para brocar, e tornear as peças horisontalmente, carros rodando sobre vigas horisontaes, e levantadas acima do chão, por meio das quaes se tiravão as pe-

ças das covas, e se transportavão a outros logares; de cujos inventos se aproveitou Bartholomeu da Costa, para tirar e transportar a estatua fóra do Arsenal: mas intrigas entre Bartholomeu da Costa e o dito Drouet desgostarão este ultimo ao ponto de se retirar para Veneza. Eu tive occasião de entrar na officina de Joaquim Machado quando se trabalhava no dito monumento, e vendo o modelo em cêra lhe notei a estranheza que me fazia vêr a figura do Rei com os atavios de Cavalleiro da ordem de Christo, e o cavallo ricamente ajaezado; o que daria por tempo logar á critica, por não ser costume decorarem-se as estatuas de taes monumentos com semelhantes atavios: e convindo comigo este habil escultor, me respondeu que tivera ordem positiva de se conformar aos preceitos que lhe desse o Estribeiro-mór, avô do actual Marquez de Marialva. E' cousa digna de se notar, que pertencendo a Joaquim Machado a invenção, desenho, modelo em pequeno, e em grande da dita estatua, e a Bartholomeu sómente a fundição em que foi feliz, recahisse toda a gloria, e até recompensas neste ultimo, como se vê da inscripção que se acha no pedestal. E' como quasi sempre se regulão as cousas neste mundo: uns tem o trabalho e outros o proveito. Mas como as letras da inscripção, em logar de serem feitas com metal dourado, e embutidas no marmore, forão feitas de massa preta que o tempo gastou, e já se não podem lêr bem, uma nova inscripção deverá dar a cada um o que lhe pertence. O Senado da Camara distribuiu pela inauguração da estatua uma bella estampa deste monumento gravado com todo o primor pelo habil artista Portuguez Joaquim Carneiro, pensionado por el-Rei, como o era Joaquim Machado. Em a face do pedestal que olha para o mar havia um medalhão com a effigie do (\*) Marquez de Pombal, que depois da morte do Snr. Rei Dom José foi substituido por outro com as armas da Cidade, talvez nas vistas de fazer esquecer a memoria deste grande ministro; mas se este foi o motivo nada conseguirão; porque ficarão monumentos d'elle na re-edificação da cidade de Lisboa, regeneração das artes e letras, e prosperidade do commercio, que transmittirão o seu nome junto com o de seu Amo a todas as idades."

A estatua equestre foi fundida em 15 d'Outubro de 1774, e em 20 de Maio de 1775 foi suspensa da cova, em que fóra fundida, pelo apparelho engenhoso da invenção de Bartholomeu da Costa. Em 26 do mesmo Maio foi collocada em seu logar, e no dia 6 de Julho do referido anno teve logar sua solemne inauguração, que foi celebrada com quanta pompa e regosijo publico se pôde imaginar.

Esta inauguração foi commemorada em medalhas que para esse fim se cunhárão. Uma dellas apresenta d'um lado uma allegoria allusiva á re-edificação de Lisboa, e a legenda = *Post fata resurgens. Olisipo.* (\*\*); e do outro a estatua equestre com as palavras = *Magnanimo Restitutori* 1775. (\*\*\*) = Nesta medalha é El-Rei representado algum tanto differente do que se vê na estatua.

Publicou-se tambem uma descripção do processo da suspensão e conducção da estatua até seu destinado local, e referia-se esta publicação a um modelo, de porcellana, em que em relevo se via o inventado mechanismo e a estatua d'elle suspensa. No reverso lê-se o seguinte: —

(\*) Hoje restituída.

(\*\*) Resurgindo depois dos fados. Lisboa.

(\*\*\*) Ao magnanimo Re-edificador 1775.

Maquina com que se suspendeu e levou por um angulo recto fóra da casa da fundição, para se pôr no carro de transporte, a real estatua equestre de S. Magestade Fidelissima o Senhor D. José Primeiro, fundida de uma só vez sem a menor fenda em a Real Fundição de Artilheria na Intendencia do Tenente General da Artilheria do Reino Manoel Gomes de Carvalho e Silva, inventada pelo Brigadeiro Bartholomeu da Costa, o primeiro que em Portugal achou Porcellana, e descobriu esta no mesmo tempo em que ideava, e continuava o trabalho de fundir a real estatua.

Sem pertendermos diminuir a gloria de Bartholomeu da Costa, não podemos deixar de, como Ratton, lamentar o pouco caso que (nos documentos publicos de certo) se fez do nome de Machado a quem se deveu a invenção da forma do Monumento. No modelo de porcellana a que alludimos apparecem nomes (\*) a quem não compete senão a gloria secundaria de se acharem associados aos trabalhos que se emprehendêrão; debaixo do relevo da machina e estatua, lê-se: *Abertá com assistencia e dezenho do inventor em 1775*: mas de Machado nem palavra!

Bartholomeu da Costa mostrou grande affinco ao descobrimento da porcellana, que perpetuou ainda em outro pequeno cunho da mesma substancia.

(\*) Alem dos mencionados, o do gravador do molde para o relevo, João de Figueiredo.

#### HISTORIA DE PORTUGAL.

#### Dom José 1.º Administração do Marquez de Pombal. \*

#### II.

A EXECUÇÃO dos planos de Carvalho foi interrompida, por aquelle fatal e terrivel terremoto, que destruiu Lisboa inteiramente. Em um dia, em uma

(\*) ESTAVA já composto em typo este artigo (que, assim como aquelle de que é continuação e que appareceu em nosso N.º 5 devemos ao obsequio d'um correspondente,) quando mais seriamente attentámos no modo mui parcial e auctoritativo em que nelle são narrados factos, que ainda não forão escriptos para a nossa historia senão com a penna tinta em fel e azedume — fosse qual fosse o lado da questão que o escriptor se propozesse ostentar como o verdadeiro. O Ministerio do Marquez de Pombal, a conspiração contra o Senhor Rei Dom José I, a influencia politica e a expulsão dos jesuitas, — ainda não tiverão um Chronista de quem affoutamente se podesse acreditar que *mais amigo era da verdade do que de Cicero ou de Platão*. E sentimos nós concorrer para a transmissão da narrativa historica assim lançada á posteridade, sem outra critica do que a prevenção, sem outra base do que os documentos d'uma facção, politica ou litteraria. *Afonso Rabbe*, que escreveu em Francez um Resumo da Historia de Portugal (de cuja traducção por A. V. de C. e Sousa, Lisboa, 1836, o nosso correspondente compillo *verbo ad verbum*, seus artigos) tinha por alvo uma tenção fixa; e não hesitaremos em dizê-lo, amoldou a sua narrativa a esta sua tenção. Mostrar aos Povos — ás massas das Nações — o quanto elles tem sido tidos por *nada* na conta dos Governos, civis e religiosos, é sem duvida meritorio, porque é demonstrar uma verdade; mas a verdade é uma e pura, e recusa, para se tornar persuasiva, do soccorro da parcialidade, e da falsificação do testemunho historico. Não pertendemos aqui defender nem increpar o Marquez de Pombal, os Tavoras, ou os Jesuitas; mas repugnamos o tom de decisão e animosidade em factos contenciosos de summa importancia para a historia de genero humano, e nossa em particular. A respeito dos tempos de que falamos, já somos *posteridade*; e era já tempo de nos irmos despindo de prevenções, e de tomarmos os factos como forão. — Terminaremos esta nota com duas palavras sobre a mencionada traducção de Rabbe por A. V. de C. e Souza. Melhor fóra que nunca tal traducção apparecêra, porque é mais um documento da ignorancia que entre nós reina da nossa propria lingua, e do atrevimento com que nestas circumstancias ousamos para ella verter os escriptos dos estrangeiros. Esta obra appresenta em cada pagina os *gallicismos* de phrase mais escandalosos — e, embora uma ou outra vez caíamos no mesmo defeito, não ha cousa que mais detestamos, e em que mais desejáramos ver empregado o açoute da Critica.

hora, em alguns minutos, acabou o producto de dez seculos de trabalho. Templos, cabanas e palacios, thronos, e tumulos, tudo foi confundido em uma ruina commum, tudo foi pó, cahos, e devastação. Esgote a poesia seus recursos em pintar os quadros horríveis, ou a espantosa união de tão vasta destruição; a historia, sobre tudo a historia resumida, deve deixar á imaginação do leitor, o cuidado de figurar a sociedade perecendo inteiramente pelo effeito de um abalo da terra; os laços domesticos, as leis, as relações de toda a especie, as artes da vida, o Culto de Deos, a voz da natureza, caíndo tudo ao mesmo tempo em uma voragem commum, em que a mesma natureza se abysmava: a vida humana reconduzida repentinamente áquella condição errante, solitaria, e desolada, que precedeu ao primeiro traço de civilisação; o crime, liberto de receio e barreira, triunfante uma universal desesperação; enfim, uma multidão privada de asilo, e alimentos, arrastando debaixo de farrapos uma vida odiosa, que salvou por instincto, e que detesta e rejeita por reflexão.

Conceber o projecto de tirar a sociedade destruida do seio desta desgraça, desta desordem; reorganisar uma grande metropole; encher aquelle vacuo que parecia dever perpetuar-se, reanimar a esperança extincta em corações magoados, seccar as lagrimas dos cidadãos, prover a suas necessidades; surprehender, e punir as espantosas alegrias de monstros que se regosijavam com o desastre; restituir tudo, tudo restabelecer; em uma palavra, pôr Lisboa viva em seus fundamentos, eis o que fez o Marquez de Pombal, e o que só podia executar, o genio o mais firme, o mais ousado, e o mais magnanimo. As palavras são aqui necessariamente desiguales ás cousas, porque quanto se dissesse para louvar o fundador de um imperio, ainda exprimiria mal, o que soube fazer este grande homem para chamar em pouco tempo as leis a vida, e aos costumes, uma população dissolvida, e que uma natureza inexoravel havia entregue ás chamas, ás ondas, aos abysmos, e aos ladrões. Carvalho recebeu o titulo de primeiro ministro só depois de fazer á sua patria este immenso serviço.

Depois do terremoto, erão os roubos tão communs que se olhavam ja, como um mal inevitavel. Os particulares de Lisboa, que possuíam alguma cousa, se vião obrigados a fazer guardar de dia as suas casas por gente armada. As Igrejas experimentavão roubos iguaes, e se vião impunemente despojadas de seus Vasos Sagrados. Os ladrões, ou os desgraçados maltratados pela Sociedade, e a quem a ruina della havia alegrado, querião pôr fogo á Cidade, como se tivessem a sobrevivencia do terremoto. Algumas sentenças de morte, contra elles proferidas, havião só servido de augmentar sua audacia.

O ministro fez enforcar dusentos em foreas armadas em redor de Lisboa. Tal é o acto de severidade necessaria, que os inimigos do Marquez de Pombal apresentarão como um acto da sua excessiva crueldade. De resto, os roubos cessarão; e não é pouco para a justificação de uma medida um tanto sanguinolenta, que haja produsido bom effeito.

A revolução do Porto, memoravel nos annos de Portugal e provocada pelos Jesuitas, foi motivada pela errecção da Companhia dos Vinhos, a que o ministro deu o privilegio exclusivo da venda dos vinhos que tem este nome. Apenas esta rebellião terrivel foi domada, rebentou a conspiração contra El-Rei. Ella foi tramada pelos chefes daquella nobreza, que em todas as Monarquias Europeas, se prevalece

de ser a guarda da Magestade e da segurança dos Reis. Aqui ella tinha feito causa commum com os Jesuitas, implacaveis em seu ressentimento contra o Monarcha, e contra o homem que era o seu braço direito. Nada faremos del-Rei D. José, dizião entre si os descontentes, em quanto não abatermos o Rei D. Sebastião José de Carvalho.

Homens illustres por nascimento, e subalternos em talentos, e qualidades, privados mesmo em seus vícios dessa especie da enthusiasmo e brilho que faz os scelerados illustres: taes erão os que se puserão a testa desta conspiração. E' preciso nomea-los.

O Duque de Aveiro, precedentemente Marquez de Gouveia, e debaixo deste titulo favorecido de D. Gaspar ministro inhabil de D. João 5.º e seu parente. O Marquez de Tavora, homem de honra, e de fé, tornado criminoso pelo unico effeito da sua frouxa condescendencia; este conjurado era devoto; no seio mesmo da conjuração confessava-se, e commungava frequentes vezes. A Marquiza de Tavora, sua esposa: esta mulher era a alma, e o sustentaculo da conspiração. Depois que seu marido havia perdido o vice-reinado da India, privada das honras, e das homenagens que a consolavão da declinação da sua formosura lisonjeando a sua ambição, aborrecia o Monarcha; tinha toda a resolução de um firme conspirador, e para morrer, em caso necessario, toda a constancia de um philozofó. Foi ella que attraiu seu marido para esta funesta causa, e venceu suas hesitações, e duvidas. Luiz Bernardo, e Jozé Maria de Tavora, filhos do Marquez: differentes em alma, e intelligencia, estes dous mancebos tomarão parte na conspiração, um por effeito de levesa immoral que o caracterisava, e o outro com desesperação, mas para partilhar a sorte que o destino reservava á sua familia. D. Jeronimo de Ataide, Conde de Atouguia, genro do Marquez de Tavora: conspirador insignificante, quantidade simplesmente numerica. Emfim Braz Joze Romeiro, Capitão de Cavallaria do Regimento de Tavora, e creatura dos Senhores deste nome.

E' necessario nomear ainda uma joven Marquiza de Tavora, amante conhecida del-Rei D. José, e que foi a primeira causa desta catastrophe. Sabia ella da conspiração? E' um facto mal illucidado: se o sabia, quantas angustias despedaçadoras lhes fizerão expiar seu adulterio! Porque não podia prevenir o Rei sem correr o risco de perder sua familia, nem deixar obrar sua familia sem se expor ao perigo de perder o seu Real amante: alternativa singular, e que poderia occasionar, se fosse discutida no tribunal do Sexo, tantos juizos differentes quantos são os diversos graos em uma paixão criminosa, e nos affectos os mais legitimos, e mais santos da natureza.

Eis os chefes ostensíveis da conspiração: falemos dos agentes secretos, dos instigadores mysteriosos, dos regicidas, em uma palavra, dos Jesuitas, e desse velho tão obstinado em seu orgulho, seu crime, e impenitencia, esse extravagante Malagrida, que ja se havia dado a conhecer por uma obra sediciosa, sobre as causas do terremoto de Lisboa, e por uma vida de S. Anna Mãe da Santissima Virgem.

A noite de 3 de Setembro de 1758 foi a que os conjurados escolherão para executar o assassinio. Elles atacam El-Rei no caminho de Belem. Este Principe se recolhia de um de seus palacios chamado a *Quinta do meio* a outro chamado a *Quinta de cima*.

Fig. 1

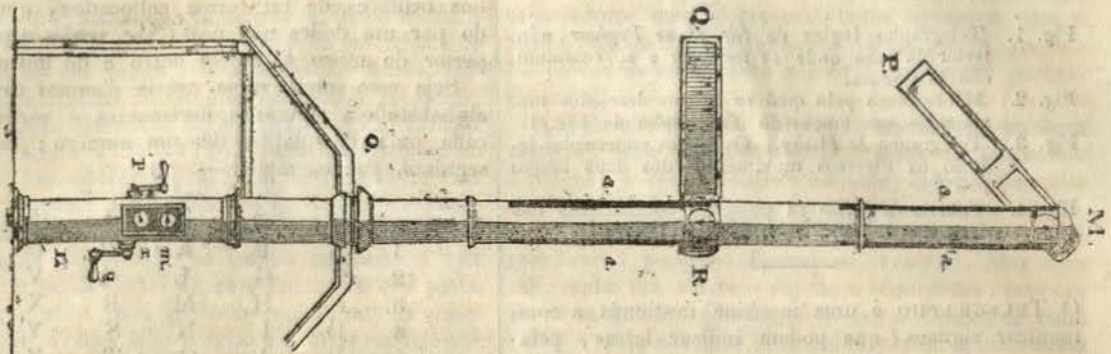


Fig. 2

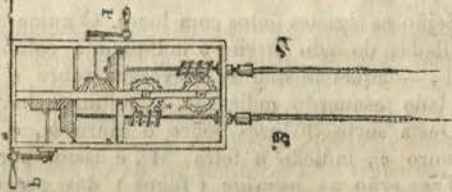


Fig. 3

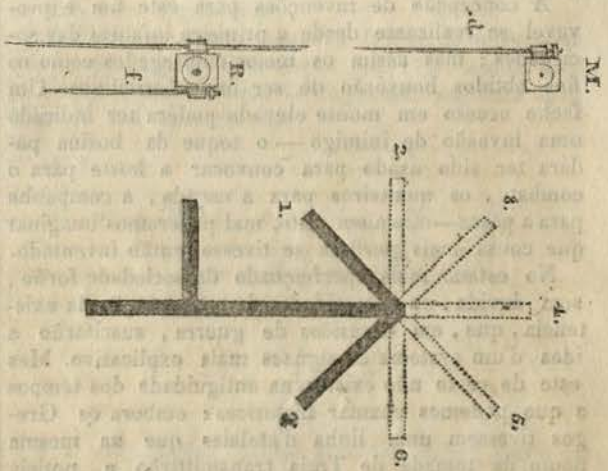
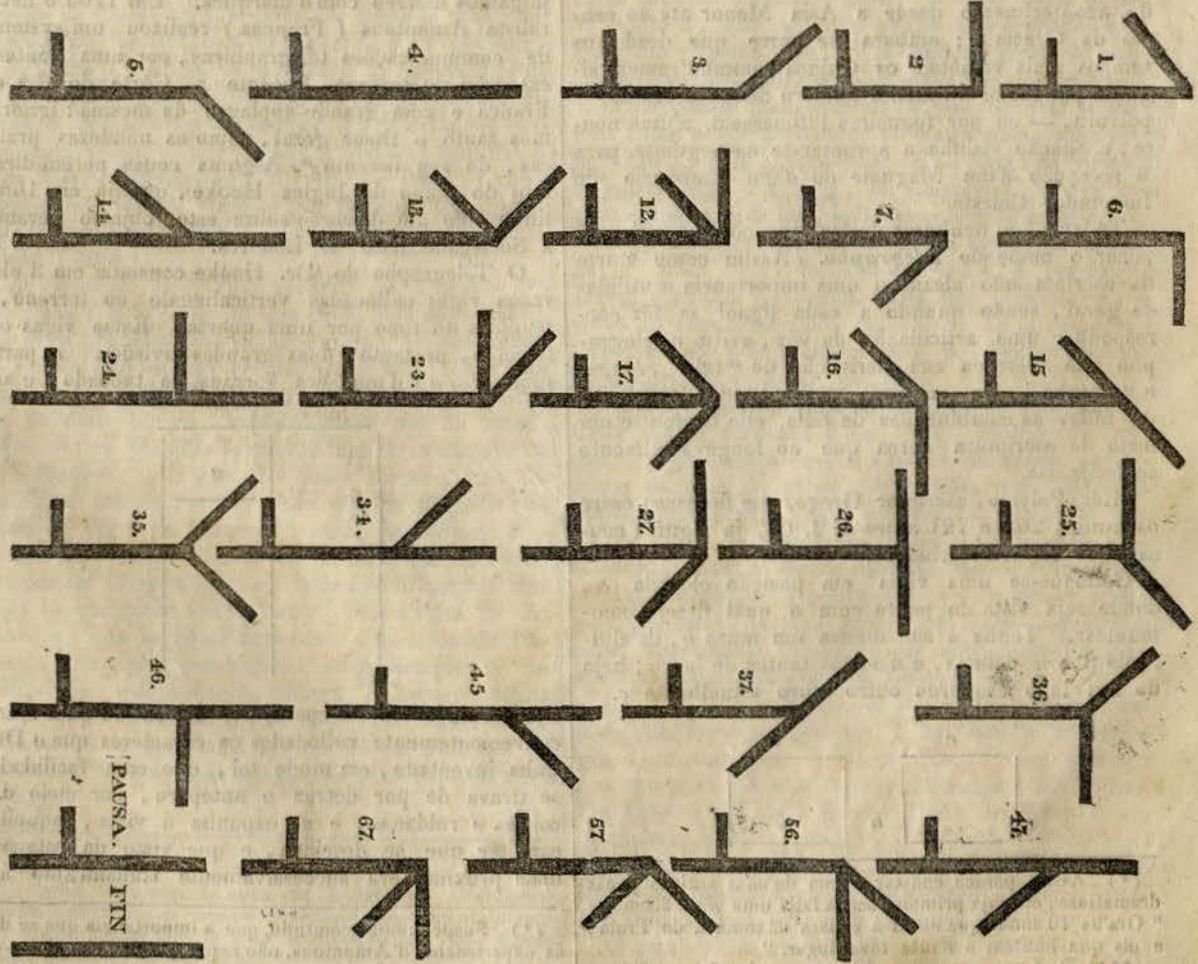


Fig. 4



PAVISA. TYN

## SOBRE TELEGRAPHOS.

- Fig. 1. Telegrapho Inglez de *Sir Home Popham*, e interior da casa onde se recebem e se communicão os signaes.
- Fig. 2. Mechanismo pelo qual se dão os desejados movimentos aos braços do Telegrapho da Fig. 1.
- Fig. 3. Telegrapho de *Pasley*. Os braços punctuados indicão os diversos movimentos dos dous braços 1 e 7.
- Fig. 4. Tabela de todas as possíveis combinações dos dous braços do Telegrapho de *Pasley*.

O TELEGRAPHO é uma machina destinada a communicar signaes (que podem indicar letras, palavras, e phrases,) entre pontos mui distantes em mui curto espaço de tempo.

A concepção de invenções para este fim é provavel se realizasse desde a primeira infancia das sociedades; mas assim os meios empregados como os fins obtidos houvérã de ser imperfeitissimos. Um facho acceso em monte elevado poderá ter indicado uma invasão do inimigo — o toque da bosina poderá ter sido usado para convocar a hoste para o combate, os monteiros para a caçada, a companhia para a pesca — mas alem disto, mal poderemos imaginar que cousa mais perfeita se tivesse então inventado.

No estado mais aperfeiçoado da sociedade forão, sem duvida, as necessidades da conservação da existencia, que, em occasiões de guerra, suscitarão a idea d'um systema de signaes mais explicativo. Mas este de certo não existiu na antiguidade dos tempos a que podemos chamar historicos: embora os Gregos tivessem uma linha d'atalaias que na mesma noute da tomada de Troia transmittirão a noticia do acontecimento desde a Asia Menor até ao centro da Grecia\*; embora se narre que desde os tempos mais remotos os Chinos communicassem signaes por maior ou menor numero de explosões de \*\* polvora, — ou por fogueiras intimassem, n'uma noute, a estação visinha a aprontar-se na seguinte, para a recepção d'um Magnate ou d'um Emissario do Imperador Celeste.

Todavia, a nenhuma destas invenções se pôde applicar o nome de *telegrapho*. Assim como a arte da escripta não alcançou uma importancia e utilidade geral, senão quando a cada signal se fêz corresponder uma articulação da voz, assim o telegrapho não mereceu sua derivação de "tele", *longe*, e "grapho", eu *escrevo*, senão quando exprimindo todas as combinações da falla, elle tornou-se um meio de escriptura aerea que ao longe facilmente se decifrasse.

Em Polybio, escriptor Grego, que floresceu entre os annos 203 e 121 antes de J. C., já alguma cousa mais explicita achamos.

Colloque-se uma vigia em posição elevada *a*, donde seja vista do ponto com o qual deseja communicar. Tenha á sua direita um muro *b*, da altura de 8 a 9 palmos, e d'outros tantos de largo: haja do seu lado esquerdo outro muro semelhante *c*.



(\*) Assim parece constar d'uma de suas antigas peças dramaticas, em cuja primeira scena falla uma vigia dizendo: "Ora ha 10 annos que estou á espera da tomada de Troia, e eis que hontem á noute teve lugar."

(\*\*) Da força expansiva de polvora tiverão os Chinos conhecimento seculos antes do que o uso desta se vulgarizasse na Europa.

Tenha a vigia do ponto correspondente dous tubos oculares, de tal forma collocados, que olhando por um delles não possa ver senão a parte superior do muro *b*, e pelo outro a do muro *c*.

Seja com intelligencia prévia d'ambos dividido o alfabeto em columnas horisontaes e verticaes, a cada uma da qual se dê um numero: do modo seguinte, por exemplo: —

	1	2	3	4	5
1.	A	F	K	P	U
2.	B	G	L	Q	V
3.	C	H	M	R	X
4.	D	I	N	S	Y
5.	E	J	O	T	Z

Sejão os signaes feitos com luzes. O numero destas exhibidas do lado direito *b* indiquem a columna vertical, — aquellas que se elevarem sobre o muro *c* do lado esquerdo indicarão a columna horisontal.

Desta sorte 3 luzes sobre o muro *b*, e 3 sobre o muro *c*, indicão a letra M, e assim por diante.

Taes erão as *pyrsiae* (fogos) dos gregos, inventadas por Cleoxenus, e aperfeiçoadas por Polybio. Não nos demoraremos em apontar seus defeitos é inconvenientes.

O telegrapho aperfeiçoado em construcção, e em variedade, rapidez, facilidade, e intelligencia de movimentos, é invenção de tempos mui modernos. Mas já do meado do seculo 17º em diante se começaram a exercitar os engenhosos, em especulações telegraphicas. O Marquez de Worcester (Inglez) em sua enigmatica *Centuria de Inventos*, 1663, indica um telegrapho universal, cuja descripção explicita julgamos morreu com o marquez. Em 1703 o naturalista Amontons (Francez) realizou um systema de communicações telegraphicas, em uma limitada extensão de terreno, perante a Córte do Rei de França e com grande applauso da mesma: ignoramos tanto o theor geral, como as miudezas praticas, do seu invento\*. Alguma cousa porem diremos do plano do Inglez Hooke, que já em 1684 tinha lido um discurso sobre este objecto perante a Sociedade Real de Londres.

O Telegrapho do Dr. Hooke consistia em 3 elevadas vigas collocadas verticalmente ao terreno, e reunidas no topo por uma quarta. Estas vigas offerecião, portanto, duas grandes divisões. A parte superior (*a*) d'uma era forrada de taboado, e as-



sim formava um anteparo, por detraz do qual erão convenientemente collocados os caracteres que o Dr. tinha inventado, em modo tal, que com facilidade se tirava de por detraz o anteparo, por meio de cordas e roldanas, e se expunha á vista, aquelle caracter que se desejava, e que visto da estação mais proxima era successivamente transmittido ás

(\*) Suspeitamos, contudo, que a importancia que se dá ás experiencias d'Amontons, não resulta senão da idea por elle realizada, de fazer communicar dous pontos extremos e mui distantes, por meio do necessario numero de estações intermediarias.

outras. Destes caracteres, uns representavão as letras do Alphabeto, e outras phrases inteiras. Os primeiros erão todos simplicissimos e formados de 3 regoas de madeira; os segundos erão compostos de semicirculos em varias combinações de forma. Julgamos que as ideas do Dr. não passarão de projectos.

A adopção definitiva de telegraphos na Europa data dos annos 1791—1794, e teve sua origem no seio das assembleas legislativas de França durante sua Revolução. Os projectores do telegrapho Francêz forão os irmãos *Chappe*.

Havia já annos que se tinhão dedicado a esta materia; e varios forão os expedientes de que tentarão lançar mão para effectuar aquella rapida communicação d'ideas que exigia um telegrapho util. A electricidade foi o primeiro phenomeno de que se quizerão assenhorear — mas as difficuldades que encontrãrão forão tantas, que elles pozerão de parte a communicação por meio da electricidade como um projecto chimerico. \*

Tentãrão subsequentemente a transmissão de ideas por meio da exposiçào de corpos de varias côres — mas outra vez forão infructiferos seus trabalhos. A difficuldade de tornar as côres expostas, distinctas ao observador distante, e a influencia que nas mesmas exerciào as variações atmosphericas, fizerão-os abandonar tambem este meio.

Ainda mais ensaios fizerão, até que a final assentãrão na adopção de braços de madeira, moveis sobre eixos, e elevados convenientemente em cada estaçào d'uma linha telegraphica. Elles fizerão um ensaio deste seu systema em 1791, e tão satisfactorio lhes foi que, em 1792, offerecerão-se á Assembléa Legislativa para o estabelecimento de varias linhas; mas não foi senão em 1793 que, nas sessões da Convenção Nacional, se nomeou uma commissão para certificar-se dos resultados do systema; e em 1794 já trabalhava uma serie de telegraphos de Paris a Lille, com extraordinaria rapidez de communicação. No decurso dos tempos, Paris estendeu suas communicações telegraphicas em todos os sentidos — para Metz e Strasburgo; St. Malo e Brest; Lyão e Toulon; Orleans, Bordéas, e Bayonna; e mesmo para varios paizes que já hoje não reconhecem o dominio Francez.

A forma do telegrapho arvorada por *Chappe* (\*) em Paris, que é aquella que ainda hoje se conserva, não foi a primeira que se lhe suggeriu ao pensamento. Parece que seus primeiros ensaios forão feitos com uma hastea vertical, na extremidade da qual trabalhavão dous braços, independentes um do outro, cujas varias posições formavão um certo numero de combinações, cada uma das quaes fornecia uma letra. Este telegrapho em nada differia daquelle de *Pasley* (Fig 3 da Estampa) senão na falta do travessão que neste ultimo se vê. E' claro que este telegrapho de *Chappe* offerecia tantas combinações dos dous braços como o de *Pasley*; mas a falta do indicador (que assim se denomina o mencionado travessão) expunha seus signaes a equivocações de intelligencia, que o fizerão reduzir o numero delles de 28 a 16, e assim tornar sua expressão mui limitada. Estes equivococos nascem de que a direita do operario n'uma estaçào telegraphica corresponde á es-

querda d'aquelle para quem olha; e daqui resultão enganos analogos áquelles que terião lugar entre dous espectadores que olhassem de lados oppostos para a letra *b* collocada na extremidade de um páo. A um delles pareceria com effeito um *b*, — ao outro pareceria um *d*.

A subsequente idéa foi a de uma hastea, tambem vertical, em cuja extremidade superior se movessem 3 braços; e esta construcção não differia daquella da nossa fig 1. senão em ter mais um braço. O numero de combinações, que dos movimentos destes tres braços poderião formar-se, era 391. Mas este telegrapho era tambem sujeito a equivocos, pois era ás vèzes difficil o distinguir-se se o braço de cima (N.º 1 supponhamos) trabalhava com o immediato (N.º 2) ou com o ultimo (N.º 3). As variações atmosphericas altêrão frequentes vèzes as apparencias de distancia e grandeza.

A final assentou-se naquella forma de telegrapho que adoptada pela Convenção em 1794 ainda hoje se conserva em França. O diagramma seguinte darã idéa de sua construcção.



*a b* é uma hastea grossa arvorada sobre torre ou outro edificio elevado. Sobre o topo desta hastea no ponto *a*, gira sobre o centro o regulador *cd*, em cujas extremidades *c* e *d* tambem girão os indicadores *ce*, *df*, moveis sobre eixos nos pontos *c* e *d*.

O regulador pôde assumir 4 posições; a saber: uma como está representado no diagramma; uma perpendicular a essa, extendendo-se ao longo da hastea; e outras duas em aspa, ou diagonaes. Os indicadores podem, cada um, collocar-se em 8 posições diversas, a saber: 7, como indica a fig. 3 da estampa; e mais uma, fechando-se sobre o regulador. Daqui resultão 64 combinações dos indicadores; e como o regulador pôde collocar-se em 4 posições, teremos 256 pelo numero total de signaes que este telegrapho é capaz de fazer.

Nem o regulador nem os indicadores são solidos. Cada um é formado d'um forte caixilho de madeira, cujo espaço central vasio é occupado por laminas estreitas de cobre, arranjasdas como as bambinellas modernas. Este artificio não sómente torna as peças do telegrapho mais leves para o movimento, mas a disposição das laminas facilita a communicação de signaes em tempos ennevoados; pois que estas, sendo moveis sobre eixos, podem fornecer apparencias luminosas de consideravel auxilio em dias d'uma atmospherica obscurecida.

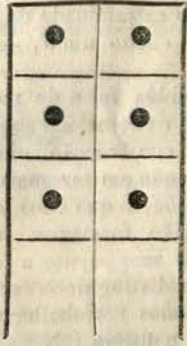
A celeridade com que se fazem as communicações por estes telegraphos é tal que a transmissão d'um signal de Paris a Lille (43 leg. portug.) e a recepção de sua resposta, occupão 3 minutos. De Brest (107 leg.) recebe Paris intelligencia em 6 minutos e 50 segundos; de Toulon, (149 leg.) em 13 m. e 50 seg.; e assim, na proporção, do maior ou menor numero de estações intermediarias dos mais pontos extremos de suas linhas.

O estabelecimento dos telegraphos em França excitou a attenção do Governo Inglez, que depois de varias considerações adoptou um telegrapho de 6

\* (\*) A idea voga de novo em Inglaterra. Receamos muito que tenha o mesmo resultado como os problemas da quadratura do circulo e do moto continuo, que tantas vèzes se tem lá resolvido.

(\*) Em 1793 achamos mencionado sómente um dos irmãos, a saber: *Claudio Chappe*.

taboinhas quadradas moveis, dispostas na ordem seguinte.



Como nos nossos telegraphos, as 6 taboinhas do telegrapho Inglez podem tomar cada uma duas posições, ou abrir e fechar; o numero total de signaes que pôde fazer são 63; e o telegrafo não tem outro inconveniente essencial alem da excessiva altura e correspondente solidez que é necessario dar-lhe. Durante a principal duração de suas guerras com França as linhas telegraphicas Inglezas usárão destas construcções, e os movimentos fazião-se com extrema rapidez.

Hoje em dia não ha em Inglaterra senão uma linha telegraphica entre Londres e Portsmouth, e nesta usa-se do telegrapho representado na fig. 1 da nossa estampa, que supprirá mais extensa descripção. Os braços moveis MP e QR podem fornecer 63 combinações, ou signaes distinctos. O que ha de mais curioso neste telegrapho é o *mostrador m r*, em que se vem 2 ponteiros. Estes ponteiros movem-se por meio das manivellas P e q. A's posições em que estes ponteiros se pozerem, por meio das manivellas, — correspondêrão posições identicas dos indicadores MP e QR. Desta arte communicão-se os signaes com summa faoildade e rapidez. Outra igual invenção é adoptada no telegrapho Francez. Os movimentos, que no interior da casa em que está assente a hastea do telegrapho, se derem a um telegrafo em miniatura nella collocado, serão reproduzidos no grande aparelho externo.

A estes telegraphos se denomina usualmente *semaphoras*.

O telegrapho, cuja representação faz o objecto das fig. 3 e 4 da Estampa, é aquelle que foi inventado pelo Capitão de Engenharia Ingleza, Pasley.

Distingue-se de todos os outros por um travesão, que durante o trabalho de signaes conserva uma constante posição, e serve para evitar equívocos na intelligencia dos signaes communicados. Suas combinações não passão de 28, exclusivê do *Ponto* e *Fim*. O mesmo signal de Ponto pôde servir, no começo, para indicar *Sentido*!

Os telegraphos de que agora se faz uso em Portugal ou são de *taboinhas*, ou de *mostrador*. Os primeiros são dedicados á communicação geral e ás estações telegraphicas distantes; os segundos não servem senão para distancias menores e linhas de communicação subsidiarias.

Uns e outros não possuem mais de 8 signaes primitivos — dous dos quaes sendo applicados a *igual* e *ponto* reduzem o numero destes a 6. Os signaes dos telegraphos de mostrador são indicados em nossa fig. 3; e as combinações dos telegraphos de taboinhas são representados no diagramma seguinte, em que o signal  $\odot$  indica taboa atravessada, e  $\bullet$  taboa fechada.

Ponto	4
$\odot$	$\bullet$
$\odot$ $\odot$	$\odot$ $\odot$
1 $\odot$	5 $\bullet$
$\bullet$ $\odot$	$\bullet$ $\odot$
2 $\odot$	6 $\bullet$
$\odot$ $\bullet$	$\odot$ $\bullet$
3 $\odot$	Igual $\bullet$
$\bullet$ $\bullet$	$\bullet$ $\bullet$

Uma e outra especie são assaz demoradas em suas communicações:

Tendo descripto o trabalho mechanico dos telegraphos; digamos alguma cousa da applicação dos seus signaes aos usos da transmissão de idéas.

Os telegraphos tem usualmente 4 Codigos de Signaes: —

1.º Um Codigo a que chamaremos *litteral*. Neste Codigo dedica-se um certo numero de signaes para denotar as letras do alphabeto, e os numeros 1 até 9 assim com 0. Alguns telegraphos representam somente os sons e articulações fundamentaes da lingua, que nunca são numerosos. Julgamos que os telegraphos Francezes usárão algum tempo deste systema; na lingua Franceza os referidos sons e articulações não passão de 33. Quando o telegrapho tem grande copia de signaes, como os Francezes, dedica-se logo o numero necessario aos fins mencionados; e quando o telegrapho é limitado em sua expressão immediata, como os nossos, é preciso fazer combinações de signaes successivos, começando 1.º por signaes singellos, e continuando por signaes dous a dous, tres a tres, &c. &c. — separando cada combinação com o signal *ponto*. Tomemos nosso telegrapho de taboinhas, e demostremos isto por um systema tomado a esmo: —

Supponhamos que queriamos formar 24 signaes para denotar as 24 letras do alphabeto. Dando aos signaes as denominações marcadas no diagramma precedente, e dedicando 2 signaes para *igual* e *ponto*, procederiamos do modo seguinte:

1. A	1 e igual.	G 2 e 1.	M. e assim
2. B	1 e 2.	H 2 e igual.	N. por
3. C	1 e 3.	I 2 e 3.	O. diante
4. D	1 e 4.	J 2 e 4.	P.
5. E	1 e 5.	K 2 e 5.	Q.
6. F	1 e 6.	L 2 e 6.	R.

Quando as combinações duas a duas não bastarem far se-hião combinações 5 a 3, 4 a 4, &c.

2.º Um Codigo Diccionario. Tome-se por exemplo o Diccionario de Constancio, e começando com a 1.ª palavra e terminando na ultima, dê-se a cada uma um signal telegraphico, tomando primeiramente os signaes singellos, e passando depois ás combinações duas a duas, ás combinações 3 a 3, e assim por diante, em quanto fosse necessario.



Este Codigo precisa sempre de certos signaes auxiliares para denotar o Genero, Numero, &c. nos casos em que o Diccionario não está convenientemente arranjado para todos os casos possiveis.

3.º Um Codigo Especial, em que um ou dous signaes sómente indiquem phrases inteiras, daquellas que na estação diariamente occorrem como = Fora da barra = Nada de novo = &c. &c.

4.º Um Codigo auxiliar, que conterá signaes para indicar qual é o Codigo de que se vae fazer uso, alem de signaes taes como = Interrogativo = Duvidoso = Reconheço o signal = Annullo o meu signal feito = Não entendo o signal = &c. &c.

Isto que temos dito bastará para fazer comprehender o systema geral das communicações telegraphicas. Devemos, porem, observar que muitos outros systemas se podem crear alem daquelle que aqui quize-  
mos imaginar.

Os signaes telegraphicos são mui necessarios em mar no serviço de esquadras de guerra; ou nos comboios mercantes; mas as difficuldades a vencer são muito maiores que em terra. Os signaes formão-se por bandeiras, em varias combinações, que em alguns systemas se tem elevado a indicar 150,000 palavras. Mas não obstante o Codigo Maritimo para uso da Marinha de Guerra Britannica por Sir *Home Popham*, e aquelle de *Maryatt* para os Navios Mercantes, podemos, segundo a opinião de Officiaes de Marinha de summo crédito, afirmar que a arte do *telegrapho maritimo* está em consideravel atraso.

Terminaremos por um quadro para communicações nocturnas. Os pontos indicão luzes de reverbero, archotes &c. &c. Muitas mais combinações se poderão formar.

A.	B.	D.	E.	F.	G.
•	•	•	•		
•••	•••	•••	•••	•••	•••
I.	K.	L.	M.	N.	O.
•••	•••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••
P.	R.	S.	T.	U.	V.
••	••	••	••	••	••
••	••	••	••	••	••

**AS INTRIGAS VENEZIANAS.**

OU

FREI GREGORIO DE JERUSALEM.

[Concluido do Numero antecedente.]

CHEGOU o dia aprazado, e ainda que Alberto não levasse mais que esperanças e promessas não se esqueceu do claustro. Despediu-se de Giannetta dizendo-lhe para onde ia, e retirou-se para a estalagem á espera que começasse a noite. Logo que escureceu entrou na sua gondola, e saltando em terra a pouca distancia do convento, encaminhou-se com menos temor do que a primeira vez para o altar de Nossa Senhora do Noviciado. Mal se tinha ajoelhado quando o arrastar dos habitos, e o brando pisar das sandalias, annunciárão a vinda do religioso. Chegou; levantou-se Alberto, e perguntado em voz baixa que noticias trazia, começou a dar desculpas de não ter adiantado quanto desejava na sua commissão, assegurando porem que em breves dias esperava ter provas, ou quando menos indicios vehementes do trato de Mocénigo com certos espiões.

Ainda bem não tinha pronunciado o nome de Mocénigo, quando a um leve movimento do frade, saltarão quatro embuçados de cada um dos quatro angulos; ao mesmo tempo que o fingido religioso poz um punhal ao peito do desgraçado Alberto. "Morto és se fallas, ou se fazes o menor signal de querer fugir." Os quatro esbirros (que não são outros os que de improviso se tinham apresentado) rodearão-o; e em breve se achou dentro d'uma

gôndola com os olhos vendados e as mãos atadas. Remava o Gondoleiro em silencio, e guardavão-o profundo os ministros da policia veneziana, sem que por um grande espaço se ouvisse mais que o compassado mergulhar dos remos, e os abafados suspiros do prezo. Posto em terra, sem ser desvendado, ouviu abrir portas pesadas como de fortaleza ou palacio, e subindo por uma escadaria espaçosa, mas em lugar tão solitario que não davão passo que o echo não o repetisse, achou-se encerrado n'um quarto pequeno, aonde por falta de luzes de nada lhe servia o terem-lhe tirado a venda dos olhos.

Ainda que Alberto não sabia do frade com quem um mez antes havia fallado mais do que fica dito em outra parte, a noticia que deu Giannetta a Mocénigo foi bastante para que o tribunal dos Dez, do qual era membro, se apoderasse da pessoa do confessor de Galeotto, seu inimigo; e Frei Gregorio de Jerusalem achava-se a este tempo n'uma das prisões do Estado. Tinha Frei Gregorio a fama de ser o mais retirado dos religiosos Franciscanos de Veneza. Faltava-lhe com tudo certo ar humilde, sem o qual a maior austeridade não alcança a dar opinião de santo. Mesmo o caracter e circumstancias do seu retiro tinhão um certo tom de misantropia, que não lhe ganhava o amor das pessoas piedosas. Nunca foi visto no pulpito; no altar, ainda que contemplativo, nunca deu mostras de enternecimento; e no confessorario, a cor morena e queimada do seu rosto, a carregada catadura que uma franjida das sobrancelhas lhe dava, o reflexo dos olhos negros como o azebiche, que fuzilavão debaixo de pestanas longas e da mesma côr, as poucas vezes

que estas se levantavam do chão; e finalmente até o modo de fallar, sentencioso, laconico, e como se estivesse enfadado, afugentavam os penitentes das classes inferiores, e sómente o conhecião alguns dos principaes de Veneza, dos quaes parecia fugir, não recebendo nem pagando visitas. A idade de Frei Gregorio tocava nos cincoenta. A sua pessoa era magra, ainda que naturalmente cheia de força. Até os mais leves vestigios da mocidade tinham desaparecido n'elle; porem d'uma maneira tal que ninguem saberia dizer se por effeito d'uma vida penitente, ou da violencia das paixões que lhe tinham roído o coração. Da sua historia o que se sabia no convento era unicamente que, achando-se alguns annos antes em Napoles como soldado, n'um dos terços Espanhoes, tinha-se retirado do mundo tomando o habito dos conventuaes de S. Francisco. Inquieto, ao parecer, e desejoso de fugir de si proprio, fez diligencias para que o mandassem para Jerusalem, aonde esteve algum tempo. Chamado outra vez pelos seus superiores a Europa, havia tres ou quatro annos que estava em Veneza, onde o seu retiro, e a agitação interna que parecia ser a sua origem, haviam crescido visivelmente. N'estes ultimos dias, e em consequencia da informação de Giannetta, os espões de Mocénigo, que, como confessor de Galeotto, o tinham constantemente por objecto das suas pesquisas, haviam redobrado a actividade em observar as suas acções. D'outro lado, Galeotto não deixava de ter suspeita de que o seu plano de ataque tinha sido descoberto; e crescendo o receio a medida que se approximava o dia aprazado entre Alberto e Frei Gregorio, concertou com o ultimo, que faltasse ao sitio determinado por aquella vez, sendo facil convir em outro dia, se o segredo não tinha transpirado. Em consequencia d'estas disposições

Frei Gregorio saíra aquella manhã para fazer uma visita no convento Armenio que occupa uma das pequenas ilhas visinhas da cidade. A policia o foi seguindo ao longe; e quando virão que o não podião apanhar fallando com o Allemão, como desejavão, prepararão a scena que se tem descripto no claustro, e ao mesmo tempo se apoderarão da pessoa de Frei Gregorio.

O empenho de Mocénigo, e o seu partido era implicar a Galeotto no crime de conspiração contra a sua pessoa, que como inquisidor d'Estado, era sagrada pelas leis. Para isto era bastante que Alberto declarasse que Frei Gregorio era quem o tinha commissionado. Porem apesar do mais severo interrogatorio, o Allemão persistia em que não lhe era possivel reconhecer o religioso que lhe tinha fallado. Determinou-se pois pelos Dez que na seguinte noute se verificasse um acareamento depois de ter examinado os papeis de Alberto, dos quaes os esbirros se haviam apoderado.

O relógio de S. Marcos acabava de dar meia noute, quando Frei Gregorio e Alberto foram conduzidos perante o tribunal dos Dez, entrando por portas differentes. As colgaduras de panno preto, as vestimentas da mesma côr que usavão os juizes e os ministros do tribunal, diminuião a luz de quatro velas de cera, dispostas de sorte que dessem de cheio sobre as caras dos prezos, afim de observar a expressão e mudança dos semblantes. O contraste da escuridão geral fazia resahir suas pessoas, de maneira que parecião figuras de algum célebre artista. De um lado, perto da meza principal via-se Frei Gregorio, como o temos descripto, virado o capuz para traz, e os braços cruzados, as mãos metidas nas largas mangas do habito, e os olhos no chão, sem os levantar para ver os juizes, nem o outro preso.

Mais atras, Alberto, virava os olhos com uma especie de desassossego, meio atemorizado, meio queixoso, como que lhe faltava aquella experiencia das desgraças humanas, e do inexoravel do mau fado, que dava ao seu companheiro a sua compostura. A sua idade não passava de vinte dous annos; medianamente alto, olhos nem tão claros como os do norte, nem tão escuros como os do meiodia; porem que parecião pretos na luz em que então brilhavão. O cabello preto e frisado dava realce, a uma pelle que sem ser branca, como poderia esperar-se n'um Allemão, tinha toda a transparencia necessaria para não deixar dominar a côr trigueira, nem a côr rosada. Se a expressão do rosto não era de actividade mental, nem de affectos vehementes; tinha no seu olhar pintados o candor e a benevolencia. O seu primeiro impulso foi fallar aos senadores; mas logo impozero-lhe silencio, mandando-lhe que respondesse ás perguntas que se lhe havião de fazer. A primeira foi que dissesse o nome do religioso com quem tinha fallado nos claustros de S. Francisco. Ao tempo de responder que não o sabia, instarão-lhe para que dissesse se conhecia ao que estava presente. Assegurou que não: repetiu-se a pergunta tres vezes; e ouvindo a terceira negativa, o presidente tocou a campainha, e Alberto foi conduzido para fora da sala. "Pelo que toca a vós Frei Gregorio, o vosso character retarda o expediente que provavelmente tirará a verdade da boca d'esse mancebo. Confessae pois, se quereis evitar o tormento, que segundo parece se está applicando já ao vosso companheiro."

Ouvia-se então a voz levantada de Alberto, que fallando aos algozes sem ter dado ainda um queixume, dava sinais de dôr aguda que já se fazia intoleravel. O silencio que por poucos momentos se apoderou do tribunal, deu cumprido effeito a um gemido agudissimo, que se acabou com um som surdo como de pessoa que se desmaia. Os cabellos se terião arripiado a qualquer pessoa não costumada a semelhantes scenas; e mesmo as feições seccas, e rigidas do frade, se alterarão augmentando-se a sua pallidez. Tocou outra vez a campainha o presidente que sempre teve os olhos fitos no religioso preso. "Confessae, disse-lhe, ou preparaes-vos a ocupar o posto que por agora vai deixar vosso companheiro." — "Estranha pergunta (respondeu com voz pausada Frei Gregorio) a de que eu confesse o que não sei, de que admitta uma accusação sem mais fundamento que uma vaga suspeita. A minha conducta anterior me absolve d'ella." — "Vossa conducta, Padre, sempre tem sido alguma cousa mysteriosa. A historia de vossa vida é incompletamente sabida. Que ereis antes de tomar o habito? Porque occultaes o paiz de vosso nascimento?" — "Porque nada tem que fazer a minha patria com as minhas desgraças." "Mais do que talvez vos conviria dizer (replicou o presidente), ouçamos porem (continuou) o que dirá o joven Allemão."

Saíra, effectivamente, o infeliz, pallido como a morte, sustentando-se sobre os hombros dos ministros da justiça, ou antes sustentado por elles, pois segundo se via, o tormento lhe tinha tirado o uso dos braços. Faltavão-lhe as forças para fallar, e foi necessario dar-lhe um banco para que respondesse assentado ás perguntas e confrontação que continuarão d'esta sorte.

"Ainda que vos inculcaes como Allemão, vossos papeis dão indícios de que não nascestes n'aquelles dominios."

— "Não, senhor, respondeu Alberto: Madrid foi o lugar do meu nascimento: porem ainda não tinha

um anno quando a minha mãe que era natural de Nuremberg, me levou para lá, acompanhada d'um seu irmão, debaixo de cuja protecção me tenho creado."

— "Em Madrid? exclamou Mocénigo, fitando os olhos no joven como se tratasse de reconhecer suas feições: como se chamava vosso pae?" — "O nome do meu pae é um segredo que por agora não o posso revelar", respondeu Alberto. "Oh! disse o presidente, semelhantes segredos não se admittem n'este sitio, a não ser como agravação do delicto em que estaes implicado. O impulso sem duvida vem de mais alto; e apenas tiverem passado vinte quatro horas, que o tormento vos fará dizer o que sabeis de vos mesmo, uma vez que não tem sido bastante esta noute para fazer-vos reconhecer este religioso."

"O tormento outra vez! disse Alberto com voz que o terror enrouquecia. Senhor (continuou dirigindo-se para o Presidente, em tanto que as lagrimas corrião uma a uma pelas suas pallidas faces) se não nasceste de pedras, se os peitos d'uma mãe vos alimentarão na vossa infancia, não me obrigueis a romper o juramento que eu fiz á minha—mulher infeliz! — quando estava para expirar. Contentae-vos de saber os factos da triste relação que me fez ao tempo de me dar a sua benção derradeira, e não me pergunteis os nomes." — "Ouçamos a historia, respondeu o presidente, depois sabermos pôr os nomes em claro."

Assentado como se achava Alberto, com os labios mais roxos e trémulos que quando saiu do tormento, e sem a menor accção por achar-se seus braços, sem poder, nem movimento, contou a sua historia d'esta sorte.

"A minha mãe foi para Espanha quando apenas tinha seis annos, com a sua, que na qualidade de Acafata da rainha a tinha seguido desde Allemanha. A belleza da sua pessoa, e a graça das suas maneiras fizeram á minha mãe o encanto da corte, logo que deixou o convento em que se educou debaixo da protecção da rainha. Mais por affeição do que pelo seu emprego de Camarista, a sua senhora apenas a perdia de vista, comprazendo-se em tê-la ao pé de si, até que, como intentava, a pudesse dar em casamento a um dos magnates da corte. Porém a sorte fez com que a bella Allemã (assim era chamada communmente) se decidisse por um cavalleiro joven, cujo emprego o obrigava a viver no paço perto da pessoa do rei. Era o amante de familia nobre, como o dava a entender a cruz de Santiago que levava ao peito, e havia mostrado em varios encontros um temperamento tão fogoso que a não ser pelo agradável da sua pessoa e delicadeza das suas maneiras, que lhe merecião a affeição do monarca, mais d'uma vez esteve a ponto de perder o emprego. Não é do meu intento contar porque meios cresceu o amor d'uma e outra parte, apesar das difficuldades que a etiqueta do palacio offerecia a cada instante. O trato, ainda que occulto era diario, e quando os amantes não se podião falar, não lhes faltavão occasiões de se entenderem por escrito. O meu pae levado da vehemencia do seu caracter propoz um casamento secreto, e a minha mãe ainda que não ignorava as funestas consequencias que para ambos elles podiam resultar do desagrado da rainha, cedeu a sua mão e a sua pessoa. Um anno tinha passado, seu que a imprudente conducta dos jovens esposos, tivesse resultas que obrigassem a descobrir o seu enlace; quando um embaixador estrangeiro (cujo nome e patria verdadeiramente ignoro) concebeu tal paixão pela Bella

Allemã, que quanta influencia possuia (e era grande pelo seu caracter diplomático) o empregou para a conseguir por mulher. Achou desdem aonde não o esperava, e mixturando-se o resentimento com o desejo, converteu-se em perseguinto o que n'um principio foi galanteo. A rainha mesma se empenhou em persuadir a minha mãe, e em proporcionar occasiões nas quaes o embaixador pudesse ganhar o seu amor. Não se davão estes passos sem que o seu marido os observasse; e como, por temor de que a sua vehemencia e ardimento lhe fizesse declarar o seu enlace, expondo-se a perder seu emprego, a minha mãe lhe occultava o proposta do embaixador, o seu peito se envenenava com os mais funestos, ainda que occultos, zelos. Mal aconselhada finalmente pela sua perturbada imaginação resolveu minha mãe fiar-se na honra do seu namorado preseguidor; e n'uma das visitas em que as instancias do estrangeiro subirão ao mais alto ponto de ardor, lançou-se ella aos seus pés rogando-lhe que a não affligisse, pois estando casada secretamente, em vão solicitava seu amor. Dissimulou o traidor amante, e perguntou o nome do seu venturoso rival; disse-lho a minha mãe, e julgou que em aquelle ponto tinham fim os seus males; porém esta confiança foi o verdadeiro principio das suas desditas."

"Um casamento clandestino no paço, quando acabavão de se pôr em toda a sua força as leis civis e ecclesiasticas que o prohibião, era um delicto que o rei não podia perdoar. Apenas havião passado vinte e quatro horas quando o meu pae foi conduzido ao Alcaçar de Segovia (\*), e a minha mãe encerrada n'um convento. Desde aquelle instante cessou toda a comunicação entre os desventurados esposos. O meu pae, não sei como, conseguiu escapar-se da sua prisão, e nem a minha mãe nem nenhum dos seus parentes ou conhecidos souberão jamais o logar do seu retiro. Pouco tempo depois d'estar no convento das Descalças Reaes, minha mãe percebeu que o era; e communicando o seu estado á rainha, recobrou sua liberdade, mas não a sua honra, que pela severidade das novas leis, só podia ficar illibada por meio d'um casamento solenne com o autor da minha existencia. Confiava na nobreza do seu espozto que a não abandonaria; porém depois de dous annos de temores e esperanças, teve que conformar-se com a sua desgraça, e jurando nunca mais pronunciar o nome de quem tão cruelmente a tinha abandonado, voltou para Allemanha, onde passou o resto dos seus dias com o seu irmão, que me adoptou por filho seu. Alli morreu ha poucos annos, havendo-me confiado a minha historia poucos dias antes da sua morte."

"Segundo o que ouço, disse então Mocénigo, vosso verdadeiro nome de familia é Guevara." A surpresa que estas palavras causarão em Alberto o puzerão em estado de desmaiar novamente. Mocénigo virando-se para os seus companheiros, disse com ar insolente, ainda que não inteiramente isento de compaixão para com o miseravel objecto que tinha á vista: "Quem diria que ao cabo de tantos annos depois que aquelle vilão hespanhol me poz ás portas da morte, em Madrid, havia o seu filho de conspirar com os meus inimigos em Veneza." — "Segundo isso, replicou um dos senadores, vós fostes o amante que separou os dous amantes." — "Travesuras da mocidade!" respondeu Mocénigo com um sorriso maligno. "O extranho é que com ter parte tão notavel na historia d'este mancebo, e não obs-

(\*) Veja-se o N.º 2 do Museu.

tante haver provado o ferro do assassino, nunca o vi cara a cara. — “Agora o verás, exclamou uma voz que como de trovão retumbou pela espaçosa sala; e n’um momento Mocénigo caiu ferido mortalmente aos pés do Religioso. Descrever a cou fusão que se seguiu a esta ferida não é possível. Acudirão uns ao moribundo, e rodearão outros com as espadas nuas ao matador, que com olhos nos quaes momentaneamente havia succedido o abatimento á fereza, virando-se para onde estava Alberto; “Deixae-me, exclamou, deixae-me abraçar o meu filho, o desgraçado filho, a quem sem o conhecer tenho trazido a tão miseravel estado, e fazei de mim o que quizerdes.” Dizendo isto lançou em terra distillando sangue a cabeça e os braços da cruz que costumava levar entre o cordão e o peito, e cuja parte inferior servia de bainha ao punhal com que tinha ferido a Mocénigo. “Ouvi-me, senhores, por poucos momentos antes de ser conduzido á morte lenta e horrivel que certamente me espera. Se a parcialidade d’Estado não vos fecha os ouvidos á voz da natureza, confessaes que o homem a quem tenho tirado a vida, não me pagou com ella nem a metade dos males que me causou com as suas vis intrigas. Esse homem cruel, separando-me de quanto mais amava, obrigou-me a andar errante e misturado com os foragidos de Hespanha por mais de dous annos depois que escapei da fortaleza onde fui encerrado pela sua influencia. A narração d’esse desditado a quem acabo de reconhecer por filho quando tenho sido o instrumento indirecto de o reduzir a um estado em que a morte lhe deve ser appetecida, tem posto á minha vista todas as maquinações com que esse homem vil causou a minha ruina. Suas sem duvida forão as cartas falsas que estando eu ainda preso me informarão que a minha mulher tinha consentido em annullar legalmente o nosso casamento, e falsificada deveu ser a assignatura da infeliz a quem julgei traidora. Atravi-me a entrar em Madrid, e attraí sobre mim perseguição mais violenta de suspeitas de o ter ferido. Fugi para os montes com os bandidos, até que horroizado de mim proprio, me embarquei disfarçado para Jerusalem, onde tomei este habito. Estavão já quasi riscados os vestigios da paixão violenta que me fazia desejar a vingança, quando a desgraça ou o meu destino me obrigou a viver em Veneza. A vista diaria do meu inimigo renovou o meu antigo rancor: tratei de causar a sua ruina, ainda que não por meios violentos, sendo possível evita-los. Que me importa já nem o mundo, nem a minha propria vida? se não fosse por esse desgraçado objecto, por esse filho a quem tenho vindo a reconhecer ás portas d’uma morte cruel e violenta, o prazer da minha vingança-me faria triumphar dos vossos verdugos.” Ditas estas palavras se lançou ao pescoço de Alberto, que desmaiado com a força das suas dores, e dos encontrados affectos que toda aquella scena haviam excitado, jazia mais morto que vivo nos braços d’aquelles que o guardavão.

O presidente deu as suas ordens em segredo. Vendarão os olhos, e atarão por tras das costas os braços ao Frade, e pondo-o n’uma góndola com o moribundo Alberto, os desembarcarão perto da ponte dos *Suspirios* que conduz ás prisões d’estado. Logo que abrirão as portas que conduzião a dous calabouços subterraneos, observando Frei Gregorio que os ião separar, exclamou com vehemencia: “Deixae-me abraça-lo pela ultima vez.” Esta supplica ficou sem outra resposta que uma debil voz que se retirava dizendo: “Oh! não nos separeis: permitti-me o morrer com meu Pae.”

## PROBLEMAS DE GNOMONICA.

## II

MOSTRAMOS em nosso ultimo Numero o modo de traçar a linha meridiana, ou Norte-Sul, para um relógio de sol em plano horizontal, limitando-nos a uma exactidão que não era senão approximativa, porquanto não attendemos á differença de *declinação* (\*) do Sol, desde as epochas em que pela manhã marcámos a sombra do gnomon, aquellas em que de tarde repetimos as observações.

Referimos-nos aqui ao que então dissemos, e acrescentamos a tabella que então promettemos e em conformidade da qual obteremos exactidão mais rigorosa. Ella é calculada para a latitude da barra do Porto, que nas Ephemerides de Coimbra achamos determinado ser (\*\*\*) de 41 graós, 8 minutos, e 54 segundos; mas poderá servir com sufficiente approximação nos lugares de sua vizinhança. Alem disso não é rigorosamente exacta a tabella senão nos dias primeiros de cada mês, e quando o intervallo entre as observações de manhã e as de tarde é de 4 horas; mas pela estima de differenças pode servir para qualquer outro dia do mês; nem será consideravel o erro nos casos em que o referido intervallo fôr sómente proximo a 4 horas.

TABELLA *indicativa do numero de segundos de que é necessaric anticipar ou retardar as observações feitas depois do meio dia, para obter a correctã direcção da Linha Meridiana; suppondo que o intervallo, entre estas e as correspondentes de manhã, foi de 4 horas.*

1.º de Janeiro; a observação de tarde deve ser anticipada de .....	7 <sup>m</sup>
1.º de Fevereiro; .....	idem .....
1.º de Março; .....	idem .....
1.º de Abril; .....	idem .....
1.º de Maio; .....	idem .....
1.º de Junho; .....	idem .....
1.º de Julho; a observação de tarde deve ser retardada de .....	3
1.º de Agosto; .....	idem .....
1.º de Setembro .....	idem .....
1.º de Outubro .....	idem .....
1.º de Novembro .....	idem .....
1.º de Dezembro .....	idem .....

(\*) Em beneficio de nossos leitores pouco versados em Astronomia, dar-lhes-hemos uma idéa familiar do que seja *declinação*. Todos tem reparado que no Verão o Sol está, no ponto do meio dia, mais proximo á perpendicularidade sobre nossas cabeças: isto procede de que nesse tempo do anno sua *declinação Norte* é muito grande. Da mesma forma se nota que no Inverno o Sol chega a muito pouca altura sobre o horizonte no ponto do meio dia; e é porque então sua *declinação Sul* é muito grande. Ha pois um circulo medio aos dous extremos mencionados em que o Sol nem tem *declinação Norte*, nem Sul; esse circulo é o *equador*.

Quando nelle se acha o Sol, os dias e as noites são iguaes em toda a terra, e por isso se diz, que estamos nos *Equinócios* (do Latim *igual* — e *noite*), e isto acontece pelos dias 21 de Março e 22 de Setembro — (e não sómente no dia 22 de Setembro como appareceu em nosso ultimo numero) — Ora se supposermos que esse circulo, o *equador celeste*, corta o *globo terrestre*, marcará elle o *equador terrestre*; do qual contamos as *Latitudes* na Terra para o Norte, e para o Sul; assim como no circulo celeste correspondente se contão as *declinações* do Sol.

(\*\*) E não 24 segundos como equivocadamente escrevemos no N.º 7. As Ephemerides de Coimbra, na “*Taboa da Diferença de Meridianos*” marcão 24 segundos; e na “*Taboa Cosmographica*” O segundos. Julgamos esta ultima demarcação erro typographico; temos contudo razão para crer que a mesma primeira não é muito exacta; todavia é aqui bastante para nosso proposito.

*Exemplo.* Supponhamos que no dia 1.º de Maio, proxivamente ás 10 horas da manhã, se marcou a extremidade da sombra do Gnomon, n'um dos circulos declinados concentricos a sua base. (Veja-se o numero antecedente). De tarde devêramos marcar outro correspondente ponto, quando a referida sombra tocasse o mesmo circulo; mas diz-nos a tabella que o devido ponto devêra ter sido marcado 16 segundos mais cedo. Obraremos pois do modo seguinte: Marcaremos o ponto em que, com effeito, a sombra do Gnomon tocou o competente circulo, e esperando 16 minutos mais marcaremos no mesmo circulo o ponto em que a sombra do Gnomon (tomada por uma linha desde a extremidade da sombra do Gnomon até sua base) o corta. Este ponto e aquelle marcado 16 segundos antes formão um pequeno arco, que se tomará nas pontas do compasso e se passará para o lado contrario do 1.º ponto. Deste modo teremos aquelle ponto que houveramos obtido se o podessemos ter marcado 16 segundos antes da correspondente observação mencionada. Este terceiro ponto, e o da manhã, servirão para a demarcação da verdadeira Meridiana.

Se tivéssemos praticado a observação no 1.º de Agosto, esperaríamos de tarde 12 segundos, depois da sombra do Gnomon ter tocado o circulo correspondente á observação de manhã; e onde a sombra então cortasse o referido circulo, marcaríamos o ponto correspondente á observação de manhã.

Quando em vez d'um gnomon solido formado d'um varão de metal, usamos d'um terminado em placa furada; é claro que em vèz da sombra da extremidade do gnomon, deve-se attender, para marcar os varios pontos, ao centro do pequeno circulo de luz que o gnomon assim construido projecta sobre o plano. Já fallámos das vantagens de semelhantes gnomons.

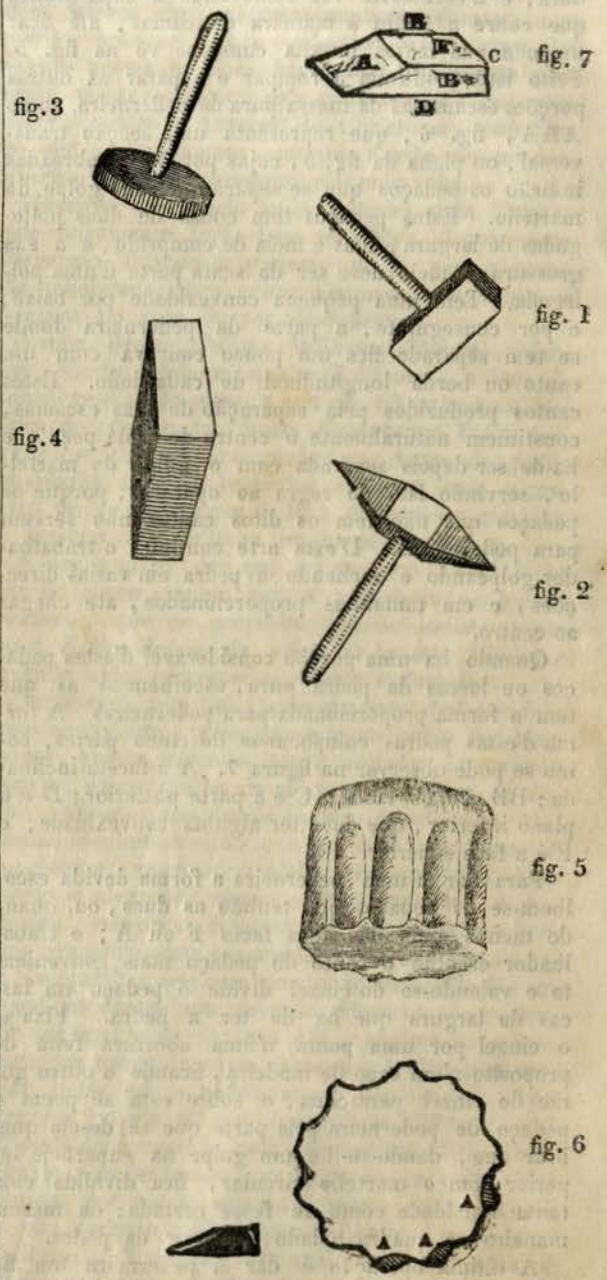
FABRICA DE PEDERNEIRAS.

ENTRE as muitas variedades do quartzo acha-se a pederneira, d'uma contextura bastante compacta, variando de côr desde um amarello de mel até um vermelho pardo escuro; encontra-se commummente em corpos solidos amorphos, isto é, sem forma alguma determinada, e rara vez cristalizada. E' uma substancia que abunda em todos os paizes, (excepto nas pampas e grandes savanas d'America), em formações primitivas, secundarias e alluvias, e particularmente nos leitos de gesso e cal. Compoem-se este mineral de 98 partes de silica,  $\frac{1}{2}$  de cal,  $\frac{1}{4}$  d'alumina, e  $\frac{1}{4}$  d'oxido de ferro, com 1 parte de perda na analyse. As fabricas de porcelana e de vidro consomem grandes quantidades de pederneira em pó; mas no presente artigo não tratamos senão das pedras que se usão nas espingardas.

Modernamente, a introdução das capsulas fulminantes (vulgar, e mui erroneamente, denominadas phosphoros) deve produzir alguma diminuição no consumo das pederneiras; e se no decurso dos tempos, os exercitos, como é muito factivel, adoptarem a espingarda de capsulas fulminantes, a fabrica de pederneiras terá a mesma sorte que tiveram os copistas manuaes depois da invenção dos typos moveis para a impressão dos livros.

Não ha cousa mais simples do que a fabrica de pederneiras; apesar d'isso, no principio, conservou-se como um profundo segredo em França, Alemanha, e outras nações. As pedras mais proprias para esta manufactura são aquellas que tem uma superficie convexa, approximando-se á forma globular, porque as compridas appresentão muitas imper-

feições. Pelo que toca ao tamanho, devem-se escolher do peso de dous a vinte arrateis. No interior convem que sejam unctuosas ao tacto, algum tanto brilhantes, e d'um gráo tão fino que o não possa distinguir a vista. Seja qual for a sua côr, deve esta ser uniforme no mesmo pedaço, regeitando as que tiverem veias, porque então a fractura não será igual e lisa. E' demais necessario, que a fractura seja conchoidal, isto é, em figura de concha, e algum tanto transparente nos fios ou extremidades delgadas.



Poucos e bem simples são os instrumentos de que se usa para manufacturar pederneiras. 1. Um martello de ferro, figura 1, com cabeça quadrada, um palmo de comprimento, e do peso de dous arrateis. 2. Um martello d'aço bem duro, com duas pontas, o cabo d'um palmo, fig. 2, e o peso de 10 a 16 onças. 3. Um martello circular como uma roda solida de duas pollegadas e meia de diametro, com um cabo de seis a sete pollegadas, fig. 3, e cujo peso não passe de doze onças. 4. Um cinzel, fig. 4, de aço, por temperar, de seis a oito pollegadas de com-

primento e duas de largura. Com estes quatro instrumentos cortão-se as pederneiras da maneira seguinte :

Assentado o operario no chão, colloca a pedra sobre a côxa esquerda e com o martello quadrado dá-lhe golpes brandos para dividi-la em pedaços de arratel ou arratel e meio, suppondo que ella peze de dez a vinte : os pedaços partidos devem ter a superficie larga, e a fractura bem lisa. O trabalhador péga logo n'um dos taes pedaços, e sustentando-o na mão esquerda, sem mais apoio, o golpea com o martello de ponta pelos cantos da grande superficie plana produzida pela primeira quebra-dura, e d'esta sorte vae removendo a capa branca que cobre a pedra á maneira d'escamas, até ficar limpa a sua massa interna como se vê na fig. 5. Feito isto, continúa a romper e separar as outras porções escamosas da massa pura da pederneira, como AAA, fig. 6, que representa uma secção transversal, ou plana da fig. 5, cujas porções sombreadas indicão os pedaços que se separão a cada golpe do martello. Estes pedaços tem cousa de duas pollegadas de largura, duas e meia de comprimento, e a sua grossura no meio deve ser da sexta parte d'uma pollegada. Tem uma pequena convexidade por baixo, e por conseguinte, a parte da pederneira donde se tem separado fica um pouco concava com um canto ou borda longitudinal de cada lado. Estes cantos produzidos pela separação de duas escamas, constituem naturalmente o centro de cada peça que ha-de ser depois separada com o golpe do martello, servindo isto de regra ao operario, porque os pedaços que não tem os ditos cantos não servem para pederneiras. D'esta arte continúa o trabalhador golpeando e rachando a pedra em varias direcções, e em tamanhos proporcionados, até chegar ao centro.

Quando ha uma porção consideravel d'estes pedaços ou lascas da pedra pura, escolhem-se as que tem a forma proporcionada para pederneiras. A forma d'estas pedras compoem-se de cinco partes, como se pode observar na figura 7. A é faceta inclinada; BB são os lados; C é a parte posterior; D é o plano inferior, que deve ter alguma convexidade, e F é a face superior.

Para dar a uma pederneira a forma devida escolhem-se os pedaços que tenham as duas, ou, quando menos, uma das duas faces F ou A; o trabalhador escolhe o canto do pedaço mais conveniente e valendo-se do cinzel divide o pedaço em lascas da largura que ha de ter a pedra. Fixa-se o cinzel por uma ponta n'uma abertura feita de proposito n'um cepo de madeira, ficando o outro gume do cinzel para cima, e sobre esta se poem o pedaço de pederneira pela parte que se deseja quebrar que, dando-se-lhe um golpe na superficie superior com o martello circular, fica dividida com tanta igualdade como se fosse cortada; da mesma maneira se quadra o lado posterior da pedra.

A ultima operação é dar á pederneira um fio suave e igual; consegue-se isto pondo o canto da pedra sobre o gume do cinzel, e dando-lhe pequenos golpes com o martello circular.

No Tirol ha muitas fabricas de pederneiras; as melhores de França achão-se em Muesnes, Berry, sendo tal a destreza dos operarios que a tarefa de cada um é mil pederneiras por dia. Em Granada existe uma fabrica grande d'estas pedras por conta do governo, debaixo da direcção d'um coronel. Em Saragoça ha tambem operarios que trabalham por sua conta. Em Portugal fabricão-se pederneiras no logar denominado — Pederneira — e em porto de Móz; mas ignoramos o estado em que se encontra este ramo de industria em Portugal.

## A ILHA DE PITCAIRN.

N'AQUELLA parte do mar Pacifico que é conhecida entre os geógrafos pelo nome de Oceania Oriental ou Polynesia, em 25° 3' 37" Latitude norte, e 130° 8' 23" Longitude occidental de Greenwich, (\*) existe uma pequena ilha chamada *Pitcairn*. O seu nome sempre ha de inspirar o mais vivo interesse entre aquelles que souberem como foi povoada. As circumstancias que para isso concorrerão são tão extraordinarias, e o comportamento dos primeiros povoadores europeos tão anti-social e sanguinaria, seu caracter tão turbulento e feroz, e tão improprio para a situação em que se encontrarão, que a narração de tudo isto dada pelo capitão da marinha real ingleza, Beechey, que visitou esta ilha no anno de 1825, julgamos ha de ser do agrado dos nossos leitores.

O navio de guerra *Bounty* da marinha real de Inglaterra saiu de *Otaheite*, hoje *Tahiti*, no mez de Abril de 1789 regressando para o seu paiz com 45 pessoas, ás ordens do Tenente Bligh, homem ao parecer de mau genio e imprudente. De todos os que estavam ás suas ordens os officiaes erão os mais queixosos; o mesmo Christiano, que era o seu protegido, viu repetidas vezes mortificado seu amor proprio, porque a cada instante dava-lhe o commandante em rosto com os favores que lhe tinha feito em adiantar-lhe algum dinheiro. Finalmente, um dia enfasiado Christiano de ouvir isto mesmo, disse ao seu commandante que tarde ou cedo havia de chegar o dia de com elle ajustar contas.

No dia antes do motim houve uma disputa acalorada entre Bligh e os officiaes por occasião d'alguns cocos que faltarão, e Christiano, como de costume, foi reprehendido. Apesar do que foi aquella mesma noute convidado a ceiar com o commandante; mas tendo presente a injuria recebida, escusou-se.

Este era o estado das cousas abordo do *Bounty* no dia 28 de Abril de 1789, passando ao sul de *Tofoa*, uma das ilhas dos Amigos. A noute era deliciosa, propria das regiões dos tropicos, quando o sereno do ambiente, e a calma da natureza dispõe o animo á reflexão. Christiano meditando na sua sorte a julgou tão intoleravel, que resolveu pôr-lhe um termo. A ausencia de Inglaterra, e uma longa residencia em *Tahiti*, aonde formou algumas relações, debilitarão a reminiscencia da sua patria e prepararão seu animo para a resolução que a situação do navio e serenidade da noute particularmente favorecião. Seu plano, apesar de extranho n'um joven official, adiantado na sua honrosa carreira, era metter-se n'uma jangada e dirigir-se para a ilha que estava á vista. Tão prompto foi pensado como feito: a jangada foi logo construida, varias cousas que podião ser uteis, estavam juntas, e elle a ponto de as lançar ao mar para se embarcar, quando outro official de poucos annos, que depois pereceu na *Pandora*, a quem Christiano communicou seu designio, recommendou-lhe, que em lugar de arriscar sua vida n'uma expedição tão perigosa, devia apoderar-se do navio, o que não seria difficultoso vista a disposição dos marinheiros e o desejo de todos voltarem a *Tahiti*.

(\*) Greenwich, a sete milhas de Londres; no meio d'um lindo parque está situado o observatorio astronomico pelo qual os Inglezes fazem passar o seu primeiro Meridiano.

Christiano adoptou a idéa, resolvido a affogar-se no mar no caso de ver frustrado seu projecto.

Tocava a Christiano o quarto de guarda da manhã, e logo que rendeu ao official de quarto, entrou em conversa com Quintal, o unico marinheiro que tinha travado em Tahiti relações d'estreita amizade com mulheres da ilha: depois de se expraiar nas felizes horas que alli havião passado descobriu seus designios: porem Quintal havendo examinado o caso, manifestou que o projecto era arriscado, e se escusou. Vexado de se ver contrariado onde menos o esperava, redobrou Christiano seus esforços, e tanto trabalhou que antes de romper o dia a maior parte da tripulação já estava no convez ás suas ordens.

Armados todos os que erão do partido de Christiano foi elle mesmo prender o Tenente Bligh em quanto Adams e outros ião assegurar-se dos officiaes. Bligh com as mãos atadas foi levado para o convez, e alli escarnecido.

Um da tripulação que não tinha motivos para estar agradecido a Bligh quiz ver se podia fazer uma contra-revolução, mas foi preso. Finalmente depois de varias palavras e pequenos incidentes os revoltosos obrigarão a Bligh, aos officiaes e marinheiros do seu partido, a que embarcassem na lancha, dando-lhes sómente uma pipa de agua, 150 arrateis de bolaxa, uma pequena porção de rom e vinho, um quadrante, uma agulha de marear, algumas cordas, lona, linha, &c. Entre os que embarcãrão na lancha era Martin, e observando isto Quintal, apontou-lhe com uma espingarda dizendo-lhe, que o matava se não voltava logo para o navio, o que elle fez immediatamente. O espingardeiro e o carpinteiro forão detidos á força. O tenente Bligh pediu algumas espingardas para a sua defeza contra os naturaes d'aquellas ilhas, porem derão-lhe sómente quatro espadas curtas. Quando estiverão a dez leguas de Tofoa separãrão-se os da lancha, e os do Bounty.

A bordo do navio estavam Christiano, Heywood, Young e Steward guardas marinhas, 16 marinheiros, 1 jardineiro, e os mechanicos, formando um total de 25 homens.

Na lancha ião o tenente, o cirurgião, dous guardas marinhas, um botanico, e tres officiaes, total 19 homens. Bligh, depois de muitos padecimentos e aventuras chegou a Timor, fazendo uma viagem de 1,200 leguas; e d'alli passou a Inglaterra.

Christiano dirigiu o rumo para a ilha de Tabuai, 300 milhas ao sul de Tahiti; observando porem que os naturaes do paiz não querião ter relações nenhumaes com elle e seus companheiros, se fez de vela para Tahiti. Passados oito dias chegarão a esta ilha aonde forão muito bem recebidos. Para que não suspeitassem o que acontecera com o tenente Bligh, fingirão que elle havia descoberto uma ilha na qual desembarcãra com alguns officiaes, e que elles vinhão por algumas cousas de que carecião, e tambem para ver se haveria entre os do paiz alguns que quizessem ir com elles. Satisfeitos os chefes da ilha com esta relação derão-lhes o que precisavão, e alem d'isso houve muita gente desejava de os acompanhar. Outra vez se dirigirão para Tabuai aonde forão mais bem recebidos porque agora levavão gente que lhes serviu de interpretes.

Como a experiencia lhes ensinãra a serem acatellados, a primeira cousa de que tratãrão foi de fazerem um forte, e effectivamente começãrão a edificar uma fortaleza de oitenta jardas em quadro rodeada d'um largo fosso. Já estava quizi acabado quando imaginando os da ilha que os estran-

geiros querião dar cabo d'elles, e que o fosso havia de ser a sua sepultura ideãrão um ataque geral para quando fossem trabalhar ao dia seguinte. Felizmente um dos de Tahiti ouviu a conspiração, e foi a nado até o navio para dar parte do que passava aos seus companheiros. Estes no dia seguinte em lugar de irem como era seu costume a continuar a obra atacãrão aos da ilha, matãrão e ferirãrão muitos, e o resto teve que occultar-se no interior dos bosques.

Depois d'este acontecimento dividirão-se em opiniões ácerca do seu comportamento futuro; uns querião ficar na ilha e acabar o forte; outros desejavão passar ás ilhas Marquezas, e alguns preferião voltar a Tahiti: esta opinião foi a que prevaleceu contra o parecer de Christiano, que lhes fez ver a sua loucura, porque havião de ser descubertos se permanecessem n'aquella ilha.

Havendo embarcado tudo voltãrão para Tahiti, onde novamente forão bem recebidos. Entre tanto Christiano formou o projecto de ir para alguma ilha inhabitada para evitar assim o castigo que o esperava no caso de ser descoberto.

Young, Brown, Mills, Williams, Quintal, McCoy, Martin, Adams, quatro Taitienses, e dous de Tabuai resolvêrão seguir a serte de Christiano; e descançando vinte quatro horas sómente em Tahiti despedirãrão-se dos seus companheiros. Antes de partir convidãrão a bordo bastantes mulheres com o pretexto de se despedirem dellas; de repente cortãrão as amarras e levãrão as mulheres consigo.

A maior parte dos que ficãrão em Tahiti forão passado algum tempo presos pelo navio de guerra Pandora, que de proposito foi de Inglaterra em busca d'elles depois da volta do tenente Bligh; e havendo sido processados, forão enforcados.

Christiano, que tinha previsto este desfecho foi, como temos dito, primeiramente no rumo das Marquezas, porem havendo lido a relação do capitão Carteret sobre a ilha de Pitcairn, mudou de tenção, e poucos dias depois chegou áquella ilha. Havendo-a explorado virão que era como convinha aos seus desejos: encontrãrão n'ella agua, madeira, bom terreno e algumas fructas; e tambem restos de habitações, morais ou templos, e tres ou quatro imagens grosseiramente executadas. Nas montanhas havia desfiladeiros que com poucas pessoas poderião ser defendidos contra um exercito. Havendo desembarcado quanto podia ser-lhes util, queimãrão e destruirãrão os restos do navio para que não ficassem vestigios pelos quaes podessem ser descubertos. Isto aconteceu no dia 23 de Janeiro de 1790.

Escolhido o terreno para seu assento, dividirão a ilha em porções iguaes com exclusão dos pobres Tahitenses, que sendo sómente amigos dos marinheiros não forão considerados com direito aos mesmos privilegios. Obrigados a trabalhar para outros a fim de ganharem seu sustento, de amigos que erão, passãrão em pouco tempo a escravos. Apesar d'isso elles assistião de boa vontade a cultivar a terra. No espaço marcado para as habitações deixãrão uma porção d'arvores entre ellas e o mar para que não podessem ser vistas as casas pelos navios que passassem perto da ilha, tendo particular cuidado de não expôr cousa que podesse attrair a attenção.

Havia dous annos que tudo corria prospera e pacificamente quando Williams, que perdêra sua mulher um mez depois da sua chegada cahindo d'um precipicio ao tempo de apanhar ovos de passaros, começou a manifestar-se inquieto e queixoso, e declarou que havia de deixar a ilha n'um dos botes do Bounty, se não lhe davão outra mulher: peti-

ção desarrasoada, que não podia ser attendida senão com o sacrificio da felicidade d'algum dos seus companheiros. Estes em consideração á utilidade que podião tirar d'elle por ser espingardeiro, desejavão comprazer-lhe, e não querendo ao mesmo tempo privar-se das suas mulheres, obrigáram a um dos pretos que cedesse a sua a Williams. Este segundo acto de atroz injustiça foi a origem de mil desgraças, e pôz aquella nova colonia a ponto de ser totalmente exterminada. Os negros fizeram causa commum, e formáram o plano de vingar-se dos seus oppressores. Felizmente o segredo foi communicado ás mulheres, e estas engenhosamente o participáram aos brancos n'uma cantiga, cujas palavras são: "Para que amola o preto o seu machado? para matar o homem branco."

No momento em que Christiano teve noticia do plano, pegou na espingarda e foi em procura dos pretos, mais com animo de fazer-lhes vêr que a sua conspiração estava descuberta, e de evitar que se executasse, do que por outro motivo. Perto do logar encontrou um d'elles (Oho), lança-lhe em rosto a conspiração, e para mais o intimidar descarrêgou a espingarda carregada sómente com pólvora. Oho, imaginando que tinha errado o tiro, fez escarneo de Christiano, e fugiu para os bosques, seguido do seu complice Talaloo, que havia sido privado de sua mulher. Os outros pretos vendo que a conspiração estava descuberta, compráram seu perdão promettendo matar os complices que tinham fugido; o que depois executáram por meio da mais odiosa traição. Oho foi assassinado pelo seu proprio sobrinho, e Talaloo morreu ás mãos do seu amigo e de sua mulher, a mesma que foi a causa de toda aquella desordem.

Restabelecida a paz por estes meios, conservou-se sem ser alterada por dous annos; no fim d'elles os negros começaram a manifestar seu descontentamento em consequencia da oppressão e mau tratamento que soffrião particularmente de Quintal e Mac-Coy. Não achando justiça nem compaixão nos seus amos, formáram um novo plano para acabar com elles, e infelizmente foi com bom successo executado, como o faremos vêr no numero seguinte.

[Concluir-se-ha]

#### HORTICULTURA,

A UTILIDADE que se pode tirar das lousas pretas (como as de Vallongo) para a Horticultura, se deduz claramente do seguinte.

Bowles na sua *Introdução á Historia Natural e á Geografia Physica de Hespanha*, diz que vira em casa d'um Fidalgo de Reinosá uma maneira de criar couves que merece ser referida.

"Tinha no seu quintal, conta elle, muitas lousas de tres pés em quadrado e duas pollegadas de grosso, com um buraco no meio. Por este buraco se plantava a couve, a qual crescia e se extendia prodigiosamente. Eu comi d'ellas, e as achei mui tenras e d'um gosto mui saboroso. Julgo que esta invenção seria util para criar legumes, e até arvores de natureza sequiosa, nas terras secas e quentes, como são a maior parte das d'Hespanha, onde é necessario evitar o mais que é possível a evaporação da humidade a fim de conservar a terra fresca. E por esta razão que as ramadas que se plantão nos pateos lageados com lousas crescem tanto.

"O lagêdo de tijolo teria o mesmo effeito de conservar a humidade, e ao mesmo tempo aqueceria a terra; e eu tenho por certo, que se assim se plantassem os ananazes nas provincias meridionaes da Hespanha havião de chegar a amadurecer."

#### RECEITA.

##### Para branquear o Marfim ennegrecido.

HA algumas peças antigas de marfim primorosamente trabalhadas, que com o decurso do tempo tem perdido a sua tão estimada brancura. Para conseguir que volte á sua côr primitiva, o melhor remedio é pôr a peça de marfim aos raios do sol cuberta com um ou mais vidros. O marfim tem a propriedade de resistir aos raios do sol estando debaixo d'um vidro; porem estando privado d'esta protecção logo se enche de fendas. Este defeito se observa em algumas peças antigas de escultura feitas de marfim ainda que bastante brancas. Isto não pode remediar-se, mas sim occultar-se, tirando o pó que se tem introduzido nas fendas, escovando a peça com agua quente e sabão, e pondo-a depois debaixo de vidro. O marfim amarello pode-se alimpar com pedra pomes calcinada e diluida, cubrindo-o com um vidro em quanto estiver humido. Todos os dias por algum tempo deve ser posto á acção do sol, virando-o por todos os lados para adquirir uma brancura igual; se estiver mais escuro d'um lado que d'outro, o tal lado é o que deve estar mais tempo ao sol. A brancura pode-se conseguir em menos tempo, repetindo frequentemente a operação indicada.

#### MANUAL ENCYCLOPÉDICO

PARA USO DAS

##### ESCOLAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

DISSEMOS em nosso N.º anterior o que julgamos de razão, em louvor desta Obra do Sr. Emílio Achilles Monteverde; e agora cumpre-nos de novo elogiar o Auctor pelo muito que em bem tomou o nosso apontamento d'um erro typographico, que a paginas 450 se encontrava.

Acabamos de receber da parte do Sr. Monteverde um oitavo de papel impresso com as paginas 449 e 450, que, por nelle se achar já correcto o mencionado erro, deve substituir a folha incluindo as mesmas paginas na 2.ª Edição que ha pouco se publicou.

O erro consistia em dizer-se, que a arte d'imprimir introduziu-se em Portugal "pelos annos de 1470 a 1474 no reinado d'El Rei D. Manuel"; faltavão depois das palavras "1470 e 1474" as seguintes "reinando então D. Affonso V; outras asseverão que fóra" e continúa "no reinado d'El Rei D. Manuel &c."

De bom grado annuimos ao pedido que nos foi feito de advertir ás pessoas, que tiverem exemplares com o indicado erro, que podem recorrer ás lojas onde os compráram para receberem o oitavo emendado.

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUGUESA

LARGO DE S. JOÃO NOVÓ N.º 12. 1838.